

Releitura de um livro escolar de Charles ab der Halden

Michel Thiollent*

Resumo: Neste estudo sobre aprendizagem da leitura e da moral, analisa-se retrospectivamente um manual escolar em uso nas escolas primárias da França entre 1934 e 1960, cujo autor é Charles ab der Halden. O objetivo consiste em mostrar como, naquela época, a leitura estava intimamente associada à aquisição de uma moral que se caracterizava como moral republicana, centrada no esforço individual, no respeito à ordem e ao dever. O método aqui utilizado, de tipo qualitativo, toma em consideração as lembranças do leitor do livro, então em situação de aluno, e procura encontrar conexões intelectuais e históricas subjacentes à concepção da leitura e da educação no autor em questão, considerada como altamente representativa da escola primária francesa, na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Escola, livro didático, leitura, moral, França, reminiscências.

Abstract: In this study on the learning of reading and moral, the author analyzes a book written by Charles ad der Halden and used in French primary schools between 1934 and 1960. It aims to show how, in that time, reading was related to a moral learning, characterized as a republican moral, based on an individual endeavor and the respect to order and obligations. The method employed here is qualitative and deals with the reminiscences of the reader of the book as a pupil, and seeks some intellectual and historical connections underlying the author's concept of reading, which is highly representative of the French primary school, in the first half of the 20th century.

Key words: School, textbook, reading, moral, France, reminiscences.

1. Introdução

Entre 1930 e 1960, na França, muitos alunos das escolas primárias aprendiam a ler nos livros de Charles ab der Halden (1873-1962), autor cuja obra literária e pedagógica foi há muito tempo esquecida (BEAUDET, 1992). Em uma escola primária de uma cidadezinha de Normandia, nos anos 1950, tivemos oportunidade de ler um livro desse autor, intitulado *Hors du nid* (Fora do ninho), que pertencia ao programa de leitura. Quarenta e cinco anos mais tarde, ainda subsistiam algumas reminiscências a respeito do personagem principal – um garoto nomeado Jacques

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. thiollent@pep.ufrj.br

Ligneul – e de algumas das peripécias de sua existência. O livro, datado de 1934, foi reencontrado graças a uma livraria virtual em 2000. Iniciamos então um exercício de releitura, tentando entender como esse texto havia deixado algumas marcas na memória. Isso era apenas o ponto de partida de uma “viagem” retrospectiva mais complexa, acerca da leitura e da moral no sistema escolar francês, de um ponto de vista sociológico e histórico.

Um passo importante foi a aquisição do livro *Charles ab der Halden. Portrait d'un inconnu*, publicado no Canadá em 1992, escrito por Marie-Andrée Beaudet, professora da Universidade de Laval (Quebec). Este livro contém uma excelente biografia do autor e permite esclarecer a maior parte das questões que se podiam levantar sobre sua existência, sua personalidade, sua trajetória intelectual e o papel social e político que desempenhou no sistema escolar francês na primeira metade do século XX.

Observa-se que, antes de ser autor de livros escolares, Charles ab der Halden havia começado suas atividades como crítico literário, tendo publicado dois livros importantes sobre a “literatura canadense-francesa”, em 1904 e 1907, ainda encontráveis hoje em certas livrarias de Quebec. A contribuição do autor ao conhecimento da literatura de Quebec do fim do século XIX e do início do século XX é, de fato, o objeto principal do estudo de Marie-Andrée Beaudet. Descobrimos a existência de poetas altamente significativos, como, por exemplo, Albert Lozeau (1878-1924) e Émile Nelligan (1879-1941). Charles ab der Halden possuía também o gosto da poesia, tendo publicado um livro intitulado *La veillée des armes*, em 1899.

A partir de 1909, ele trabalhou na *École normale* de Bouzaréah, perto de Argel, até 1920, e depois, de volta à França, atuou como inspetor geral até 1940, data de sua aposentadoria. Durante a Guerra de 1914-1918, na Argélia, Charles ab der Halden desempenhou um papel militar. No decorrer de sua carreira voltada para a educação, ele tentou conciliar dois tipos de interesses: o do intelectual e o do inspetor de academia, sendo que este último prevaleceu. Marie-Andrée Beaudet mostra que, em algumas obras, ele tentou estabelecer uma ponte entre os campos literário e pedagógico, como, por exemplo, em *Hors du nid*. “Sob a aparência de um livro destinado aos alunos de 4ª e 5ª séries das escolas ou colégios, dissimula-se em realidade um pequeno romance fortemente inspirado nos anos de exílio que viveu Charles ab der Halden, quando criança” (BEAUDET, 1992, p.68).

O autor possuía longa experiência pedagógica, tendo publicado outros livros para aprendizagem da leitura, em níveis bem elementares, como no caso de *Fauvette et ses frères* e *La chaumine* e, também, vários livros de educação cívica e moral para escolas primárias e colégios.

Situando a concepção de Charles ab der Halden no contexto das escolas primárias da Terceira República, pode-se mostrar sua concordância com obras de

autores clássicos que lhe serviram de fundamentos. Por exemplo, é possível apoiar a análise do papel da moral nas concepções da pedagogia e nos conhecimentos de sociologia clássica, em particular a de Émile Durkheim (1858-1917). Embora não exista uma relação direta entre os dois autores, podemos supor que fazem parte do mesmo “espírito” da época.

No caso em estudo, trata-se de reorganizar uma experiência pedagógica vivida no passado como aluno, analisada a partir de uma releitura de um livro utilizado naquela época, considerado como significativo e exemplar; de interpretá-lo à luz de conhecimentos adquiridos posteriormente em matéria de sociologia e educação.

As conexões de conhecimentos que afloravam nos textos de leitura escolar não podiam ser decifradas pelo aluno em sua situação de aprendizado. Com o tempo, o resgate dessas conexões, o recuo e a formação adquirida desde então, torna-se fácil, para o leitor maduro, entender uma série de sinais que antes passavam despercebidos.

Com mais de quatro décadas de intervalo, o trabalho de releitura permite indicar várias conexões – por exemplo, na relação entre leitura e moral – que estavam potencialmente presentes no momento da primeira leitura, nos anos 1950, e a possibilidade de uma efetiva compreensão *a posteriori*, isto é, na situação do leitor que, por meio de anos de estudos, está agora em condições de interpretar significados associados, ou associáveis, à obra em questão. É claro que, com este método qualitativo, de fundo autobiográfico, não pretendemos alcançar generalizações ou comprovações definitivas.

Apesar de ter acontecido em um país e uma época distante – a França dos anos de 1950 –, essa primeira experiência de leitura, que serve de base em nossa investigação, pode configurar uma situação mais abstrata de aprendizagem de significado, capaz de oferecer subsídios para uma melhor compreensão dos processos pedagógicos nos quais ocorre a aprendizagem da leitura e da moral.

2. Rememoração do conteúdo do livro lido em situação escolar, antes da efetiva releitura em situação de adulto

Como bem observou Eliane Bezerra Paiva (2000, p.13):

creio que o ato de descrever reminiscências de leituras é pleno de significação; reflete a interação do indivíduo com o mundo, a sua compreensão da realidade, que depende da sua personalidade, da cultura onde se criou e do meio em que vive.

Ademais, Jouve (2002, p.22) notou que “toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época”. Tanto a primeira leitura quanto a releitura tardia revelam significações relacionadas com o leitor e o contexto no qual interage. Sua memória seleciona informações em função de fatos que também dependem do contexto.

De acordo com Arthur Koestler (1969), existem dois tipos de memória: uma memória “abstrativa” ou difusa (impressão geral) e uma memória concreta (recordação de fragmentos vívidos, pequenos fatos isolados). Antes de ler o livro *Hors du nid* (lido pela primeira vez em 1957/58 em contexto escolar), procuramos anotar o que ficava na memória em 2000 — elementos de memória difusa (impressão geral) e de memória concreta (recordação de pequenos fatos isolados, em si mesmos não muito significativos).

No caso presente, a memória difusa aponta para um clima de infância, marcada pela austeridade, a obrigação de estudar seriamente na escola, a abertura para um mundo distante do pequeno mundo familiar. Há também um clima de moralidade. A moral da história não ficou muito clara, mas existia uma moral ainda difícil de especificar.

A memória concreta registrou os seguintes fatos, ainda presentes em mente:

- a) personagem principal é uma criança de cerca de dez anos, chamado Jacques Ligneul;
- b) a criança é levada para fora de sua família, na casa de um tio na Suíça;
- c) um dia, um tio e a criança visitam a pé um determinado lugar de Paris (não lembrado);
- d) um outro tio segura a mão da criança, mas esta tem dificuldade de andar, de acompanhar os passos do adulto;
- e) o tio tem uma casa rica, tem filhos ou filhas, mora em uma cidade importante e moderna, bem diferente da cidadezinha rural da qual Jacques Ligneul é originário;
- f) o garoto está meio isolado, ele tem de descobrir a vida fora de sua família imediata;
- g) a razão de seu afastamento da família não ficava clara (separação dos pais, morte de parentes?);
- h) o esquecimento do que ele fez depois da estada na casa do tio;
- i) lembranças de lugares, de passeios em uma floresta, com árvores muito altas e caminhos descendentes, com risco de se perder;
- j) jogos entre as crianças, primos e primas, mas Jacques vive certas dificuldades nesses jogos.

Essas são as principais lembranças mais ou menos concretas que apareceram na ocasião de um exercício de rememoração do livro antes da releitura.

3. Releitura propriamente dita, comparando o que restava na memória com o que foi relido

Estudiosos da leitura utilizam o conceito de *releitura* para designar a segunda leitura, definida como prática mais apropriada à complexidade dos textos literários. Segundo Jouve (2002, p.30), a releitura é necessária para a compreensão de textos complexos, em “um nível superior, mais voluntário e mais consciente” que uma simples leitura.

No presente caso, a releitura proposta, situada em um tempo muito distante da primeira leitura, é realmente voluntária e consciente. Trata-se da busca deliberada de uma compreensão de nível superior, forçosamente inatingível nas circunstâncias escolares da primeira leitura.

No tocante ao conteúdo, pode-se verificar se os fatos guardados em memória estavam certos, às vezes incompletos ou deformados:

- a) O personagem principal é realmente Jacques Ligneul. Ele tem menos de dez anos no início da história, mas ele aparece já com mais idade no decorrer dos capítulos e, no último, ele já é adulto. Ele tem uma irmã chamada Marguerite.
- b) Ele é levado para fora de seu ambiente provincial, devido a uma seqüência de fatos negativos: morte de seu pai, que era professor primário de uma pequena cidade do interior, ruína da família devido à falência do administrador da poupança, migração para Paris, capital, onde a mãe irá trabalhar como costureira para sustentar as duas crianças. Mas, como ela não consegue, Marguerite é obrigada a trabalhar como vendedora em uma confeitaria. Por sua vez, Jacques é enviado à Suíça, na casa de um tio e primos que se dispõem a ajudá-lo. No retrospecto da memória, o papel de Marguerite tinha sido completamente esquecido.
- c) Um dia o tio Eugène, que mora em Paris, e a criança passeiam a pé nas ruas e praças. Visitam a *Île de la Cité*, os museus, o jardim das *Tuileries*, o jardim zoológico e outros lugares significativos da capital. É interessante notar que a catedral *Notre-Dame* é apenas vista de muito longe na neblina. A única igreja apontada pelo tio é a de *Saint-Germain-l'Auxerrois*, com alusão à noite de São Bartolomeu.
- d) O tio segura a mão da criança, mas esta tem dificuldade de andar, de acompanhar os longos passos do adulto. Trata-se do tio Muller, da Suíça, à saída da estação ferroviária, quando Jacques chegou lá pela primeira vez.
- e) Tio Muller tem uma casa rica, tem filhos e uma filha, Marthe; mora em Stein, perto da capital suíça, Berna, de língua alemã, bem diferente da cidadezinha natal de Jacques Ligneul. Há um desafio cultural: Jacques não fala alemão e tem de aprendê-lo rapidamente. Além disso, ele estranha os

hábitos culturais diferentes dos seus, mas, com esforço, consegue superar as dificuldades.

- f) Em algum momento, o garoto está meio isolado e tem de descobrir a vida fora da sua família imediata. Aos poucos, com esforço próprio e dedicação, ele consegue resultados escolares.
- g) Os motivos de sua saída de casa eram vários: morte do pai, falta de recursos da mãe e convalescença após doença. Em um quadro tão negativo, com sacrifícios e esforços de todos os membros da família, foi possível vencer as dificuldades.
- h) Também havia esquecimento do que ele fez depois da estadia na casa do tio suíço. De fato, ele volta à França, corresponde-se com sua irmã, que estava na Argélia, e consegue preparar seus exames.
- i) As lembranças de lugares, de passeios em floresta, com árvores muito altas, caminhos de montanha e risco de se perder, dizem respeito a vivências de Jacques na Suíça, quando ele ainda estava estranhando as diferenças culturais.
- j) Nos jogos de crianças, primos e primas, Jacques vive certas dificuldades de compreensão, mas há também aspectos emocionais. Aprenderemos no epílogo do livro que, muito mais tarde, Jacques casou com sua prima Marthe, com quem brincava quando criança na Suíça.

Os capítulos relativos à viagem de Marguerite, irmã de Jacques Ligneul, à Argélia, trabalhando como professora particular em uma família francesa em contexto colonial, estavam esquecidos.

O aspecto principal da história parece concentrado na moral do esforço. Mesmo em uma família humilde e apesar das dificuldades da vida (morte de parentes, insuficiência de recursos), as crianças que se dedicam aos estudos, que adotam uma boa conduta e aceitam tarefas domésticas ou outros trabalhos para ajudar na despesa, conseguem bons resultados na escola e poderão atingir adequadas metas profissionais no futuro.

4. Meio familiar e descoberta de outros horizontes

O livro contém muitos detalhes sobre a vida cotidiana e as situações familiares nas quais as crianças dos anos de 1930 a 1950 podiam facilmente se encontrar, em particular quando habitavam no interior. Alguns desses detalhes permaneciam na memória e outros foram lembrados após a releitura.

As características da escola junto à prefeitura da pequena cidade rural, os personagens típicos relacionados com o micromundo da escola municipal, as brincadeiras das crianças na fazenda na beira dos riachos, as viagens de trem com locomotivas de vapor, os primeiros trens elétricos, são exemplos desses detalhes da

vida cotidiana que todo mundo conhece. Em seus primeiros capítulos, o livro de Charles ab der Halden reconstitui um clima de infância ao qual eram sensíveis as crianças da escola primária da época.

Nos anos 1950, um dos aspectos da atividade lúdica das crianças (de sexo masculino) era marcado por uma visão que, retrospectivamente, podemos chamar de “mecanicista”. Os brinquedos mais valorizados para garotos de dez anos — sobretudo entre meninos do meio urbano — eram trens, caminhões, carros com motores impulsionados por molas, guindastes, fábricas e outras engenhocas construídas com peças metálicas, parafusos, rodas e correias de transmissão, componentes de caixas de *Meccano* que chegavam debaixo da árvore de Natal. Tecnicamente, estávamos na era da mecânica e, no máximo, da eletromecânica. Naquele tempo, ainda não existiam jogos de construção modular em plástico, nem jogos eletrônicos, evidentemente. Por sua vez, os meninos do campo brincavam muito ao ar livre, observavam as coisas da natureza. Em alguns recantos da fazenda, gostavam de construir cabanas e, até, moinhos movidos a água, na beira de um riacho, com velhas rodas de bicicleta e pedaços de madeira, para gerar energia elétrica com um pequeno gerador de corrente contínua. Esse tipo de bricolagem não era fácil e, como no livro de Charles ab der Halden, às vezes faltava paciência aos meninos semelhantes a Jacques Ligneul, de tipo sonhador, com gosto pela leitura e pouca habilidade em mecânica.

No livro de Charles ab der Halden, após a imersão no cotidiano, vem o *dépaysement* com a descoberta de outras culturas, de outras línguas e costumes. Pressionado pelas circunstâncias da vida, Jacques Ligneul, após a morte de seu pai, vai a Paris com sua mãe e sua irmã, depois parte para a Suíça, em convalescença, na casa de seu tio e de seus primos. Mais tarde, sua irmã Marguerite irá à Argélia, o que será, para o leitor, a ocasião de tomar contato com uma outra cultura diferente.

A visita a Paris é uma oportunidade para descobrir o mundo urbano, os monumentos históricos, os carros nas ruas, as profissões modestas, as ocupações para sobreviver, os prédios urbanos, o ambiente das escolas públicas parisienses, diferente do das escolas de regiões rurais.

O primeiro contato com a Suíça se realiza durante uma estada de Jacques na casa de seu tio, sua tia e seus primos. Ele viaja de trem de Paris até Berna. Descobre diferentes símbolos suíços, os ursos, Guilherme Tell, Arnold von Halden, um dos três suíços da lenda, as montanhas, os lagos, as atividades rurais e turísticas, etc. O principal desafio consiste em compreender a língua alemã e adaptar-se à cultura alemânica. (Para o autor do livro, essa sua relação privilegiada com a Suíça era de ordem autobiográfica).

O *dépaysement* cultural está presente nas observações de Jacques e de seus primos suíços, Fritz e Arnold, quando comparam seus respectivos conhecimentos escolares em história. Nos livros escolares franceses, Carlos Magno é apresentado como rei

da França, ao passo que, nos livros suíços, ele é imperador da Alemanha. Outro exemplo: os suíços conhecem Júlio César, mas ignoram a existência de Vercingetorix, chefe dos gauleses, perdedor da batalha de Alésia.

O contato com Argélia acontece no decorrer de um estágio de Marguerite, como professora primária recém-formada, em uma família de colonos franceses, para ensinar a seus filhos. Viaja de navio de Marselha até Argel. Descobre os hábitos locais e diferentes paisagens, da costa do Mediterrâneo até o deserto do Sahara. O autor viveu na Argélia entre 1909 e 1920; imagina-se que o livro *Hors du nid* expressa o espírito dessa época, mostrando o quadro de vida dos franceses instalados na Argélia de maneira tranqüila, em geral não desprovida de preconceitos colonialistas.

A cultura suíça alemânica e a cultura argelina são as duas principais “aberturas” a um mundo diferente do microcosmo provincial ao qual Jacques Ligneul estava acostumado na infância. A primeira é descrita em termos de respeito e admiração, a segunda o é de um modo não desprovido de preconceitos quanto aos costumes dos chamados “indígenas” e a sua religião. O autor reproduz a visão e as percepções dos colonizadores da época. Isso podia parecer normal nas décadas de 1930 ou 1940. Ele deixa entender que, para os militares franceses que conquistaram a Argélia em 1830, os mosquitos transmissores da malária eram bem mais temidos que as forças turcas e árabes que defendiam o território. Já na década de 1950, com o movimento de libertação anticolonial e com a guerra, que só terminou com a independência, em 1962, tal conteúdo podia se tornar problemático entre os jovens leitores. Não é por acaso que, no plano de leitura da obra, o professor passava muito mais tempo com os alunos na parte suíça do que na parte argelina.

A escrita de Charles ab der Halden produz uma impressão de clareza, de sobriedade, de precisão, de coesão textual que facilita a compreensão por parte de jovens leitores. As dificuldades são progressivas e algumas delas são esclarecidas por meio de notas explicativas ao final de cada capítulo. Além disso, cada leitura traz informações muito detalhadas sobre aspectos da cultura e da vida cotidiana, mostrando diferenças e contrastes em diversas culturas.

Ademais, o livro contém várias fotografias em preto e branco e ilustrações em quase todos os capítulos, com perguntas sobre seu significado. Além das fotografias e gravuras ilustrativas, também são utilizados outros recursos gráficos, como, por exemplo, mapas de geografia para explicar as viagens de Paris à Suíça e de Marselha à Argélia, e reproduções de selos postais para justificar o interesse educativo da filatelia.

Existem mecanismos de identificação para leitores e leitoras se relacionarem com personagens masculinos e femininos que constituem o enredo da história. O autor sabe captar a atenção dos alunos-leitores. A história, em si mesmo banal, reflete de modo realista cenas da vida cotidiana dos anos 1930. Tal contextualização podia ainda funcionar na década de 1950, especialmente em regiões do interior,

mas, sem dúvida, seria estranha e ultrapassada em contextos urbanos, ou para gerações mais recentes.

A interpretação social ou política aproxima-se de questões bastante delicadas. O lado positivo talvez consista em abrir o micromundo familiar e rural dos personagens principais, fazendo-lhes descobrir outros horizontes, os da cidade grande, de um país vizinho como a Suíça, com referencial cultural alemânico, e da África do Norte, então sob domínio colonial.

Pode-se considerar que as “leituras seguidas” de *Hors du nid* têm sido concebidas à luz de princípios pedagógicos correntes no fim do século XIX e na primeira metade do século XX. O livro contém histórias que se desenrolam em um universo familiar, com efeitos de *dépaysement* na Suíça e na Argélia, o todo estando vinculado pela forte moral do esforço individual no ambiente da escola primária obrigatória. Trata-se de crianças bem comportadas e bem diferentes dos meninos rebeldes ao sistema escolar, tais como foram descritos por Louis Pergaud em 1912, em seu famoso romance, *A Guerra dos Botões* (PERGAUD, 1999).

Segundo Anne-Marie Chartier, o livro de Charles ab der Halden (de 1934) fazia parte de um gênero de publicação chamado “romance escolar”, que foi lançado em 1926 e esteve em moda até 1938. Existe aproximadamente uma dúzia de livros pertencentes a esse gênero, de autores hoje desconhecidos.

5. Esvaziamento da história

Segundo Citelli, o esvaziamento do conteúdo histórico é uma das características do discurso do livro didático, no qual há estereotipia e idealização, com que “se pretende formar os ‘bons espíritos’ e despertar a criança para os valores realmente caros à sociedade” (CITELLI, 1985, p.53). Tal tendência convencional dos livros didáticos se observa claramente no caso do livro de Charles ab der Halden.

A leitura não permite ao aluno ter acesso a uma visão mais ampla e crítica ou a uma percepção de fatos históricos importantes, como guerras, revoluções, crises sociais ou econômicas, emergência de novos movimentos culturais, etc. Há apenas valorização dos relacionamentos familiares e de amizade, de pessoas que lutam para vencer e que conseguem ascender a profissões qualificadas, dentro de modestos limites, por meio do esforço, da abnegação, do trabalho constante nos estudos. Tais esforços e, até, sacrifícios serão recompensados mais tarde na vida material.

Pode-se supor que as dificuldades econômicas encontradas pela família recém-chegada à capital, com a mãe obrigada a procurar trabalhos de costura, refletem, de alguma maneira, a situação de privações em que vivia a maioria da população nos anos 1930. Mas não existe nenhuma alusão a uma crise social ou a causas profundas. São apenas fatos comuns e individuais: doença e morte do pai, perda da poupança por culpa de um administrador desonesto, etc.

Após análise de várias dezenas de manuais de leitura, Susanne Mollo observou que:

A mãe trabalhadora que se sacrifica pelo filho é um modelo tradicional característico da literatura escolar, tendo inspirado, por exemplo, o livro de leituras seguidas *Hors du Nid*, de Charles ab der Halden. Este livro, que conheceu um grande êxito, ainda existe em numerosas bibliotecas escolares (MOLLO, 1979, p.138).

De modo geral, na apreensão da vida social, não há dimensão coletiva nos desafios da família, não há classes sociais, política de governo. Instituições como Estado e igrejas não são representadas. As instituições presentes são, sobretudo, a família estendida aos tios e primos e a escola pública, valorizada como universo do pai e referencial dos filhos para se tornarem pessoas na sociedade. Nesse contexto, ainda segundo Susanne Mollo: “os personagens e os valores que encarnam são propostos aos jovens leitores” (MOLLO, 1979, p.80).

Com a releitura do livro, observamos o silêncio do autor quanto aos fatos históricos marcantes, como, por exemplo, a *Commune de Paris*. O tio Eugène não mostra o cemitério do *Père Lachaise* a seu sobrinho. O autor comenta somente a respeito das *Tuileries*, de maneira lacônica: “O Palácio foi queimado em 1871”. Trata-se, certamente, de uma discreta alusão à sangüenta jornada do 24 de maio de 1871, quando os partidários da Comuna incendiaram os arquivos das *Tuileries*. Com a simples leitura dessa curta frase, o aluno não estava em condição de compreender o significado histórico do acontecimento. No entanto, imagina-se que o professor podia eventualmente dar uma explicação, um esclarecimento, em função de sua preferência ideológica.

Há casos de referência a fatos históricos de compreensão mais difícil. Em *Hors du nid*, uma das leituras trata de coleções de selos postais. Vemos, entre outros, reproduções de selos com efígie de Louis-Napoléon Bonaparte (Napoléon III), todos quase idênticos, com a seguinte diferença: alguns possuem a menção *République française* e outros, a menção *Empire Français*, a partir de 1849. Porque este exemplo muito singular? Qual é a intenção política do autor? Charles ab der Halden considerava que os selos podiam ensinar muita coisa aos alunos ¹.

Apesar de raros indícios, observa-se que o livro de Charles ab der Halden não permite a seus leitores terem acesso a uma visão do contexto histórico no qual se desenrolam os fatos marcantes da vida dos personagens.

1. Sabe-se que ele era grande colecionador de selos e autor de obras de filatelia (BEAUDET, 1992). Foi também membro titular da Academia de Filatelia e autor de catálogos, por exemplo *Catalogue des marques postales et oblitérations d'Algérie. 1830-1876*, em colaboração com E.H. de Beaufond.

De modo geral e com raras exceções, no contexto escolar anterior aos anos 1960, as crianças não recebiam informações sobre o quadro sócio-histórico contemporâneo. As aulas de história tratavam da Antiguidade, da Idade Média, do Renascimento, com reis e rainhas, de alguns fatos da Revolução e do Primeiro Império, com datas de batalhas que os alunos precisavam decorar sem compreensão de seu significado profundo.

Retrospectivamente, percebe-se que existia nas escolas um pesado silêncio sobre a história recente. As guerras do século XX, os conflitos em torno do socialismo, do nazismo, do colonialismo nunca eram analisados e permaneciam incompreensíveis para os alunos. Toda a realidade histórica do momento permanecia ignorada. Os objetivos ideológicos principais cultuavam o patriotismo e a moral do esforço individual. A leitura de livros como o de Charles ab der Halden só podia contribuir para esse estado de espírito.

6. Estilo de escrita e clareza da linguagem

No tocante à linguagem, considera-se que a obra de Charles ab der Halden é caracterizada por um estilo de linguagem clara, com sintaxe muito simples e escolha de vocabulário preciso. As palavras julgadas difíceis são definidas ou explicadas em notas no final de cada capítulo. Esta característica pertence ao ideal do “ler bem” e do “escrever bem”, seguido de modo permanente pela escola primária a partir de 1880.

Em sua análise do francês escolar da mesma época, Renée Balibar mostra que se trata de ensinar o francês convencional para eliminar o patoá e os dialetos regionais, objetivo perseguido desde o início da Revolução Francesa. A correção gramatical é antes de tudo desejada. Na escola primária, o uso da linguagem se volta para a prática, ao passo que, no secundário, ainda reservado às classes médias e superiores, o francês literário clássico é valorizado e o latim ocupa ainda um lugar importante.

Segundo a ideologia da língua no ensino primário, regulada pelas necessidades do regime político, todos os Franceses comunicam bem entre si e com a realidade. O valor próprio do francês elementar está aí, na clareza que põe imediatamente em relação o sujeito falante e o objeto do qual se fala. Na escola primária, ler, escrever e falar, no mesmo plano que contar, são, institucionalmente, referidos sem incerteza às situações que evocam, diretamente aptos a expressar a realidade. Ler bem e escrever bem são condições para a adequação perfeita entre «competência» e «*performance*» (BALIBAR, 1974, p.148).

Essa concepção da aprendizagem da língua adquire entre os fundadores da escola primária uma dimensão estratégica.

Em nosso regime democrático burguês, é o francês praticado institucionalmente na escola primária que fornece o natural lingüístico de base necessário para todos os efeitos do natural fictício literário (...). É o francês da escola primária que é o francês absoluto, o francês "tout court", a referência de base para todas as práticas especiais, todos os estilos, individuais e coletivos: um francês institucionalmente transparente às realidades que designa, afetado de evidência ou simplicidade indiscutíveis. A prática do francês da escola primária se impõe sempre que um trabalho de representação é ou pretende ser objetivo (BALIBAR, 1974, p.179-180).

No clima cultural e escolar do fim do século XIX e do início do século XX, a busca de clareza e de objetividade era própria ao estilo cartesiano evocado por Émile Durkheim (1934, p.304). De maneira geral, essa clareza bem francesa era valorizada, mas nota-se que este autor alertava seu auditório da Sorbonne alegando que, levado ao excesso, o ideal de clareza cartesiana podia virar simplismo.

7. Pedagogia convencional e ausência de métodos novos

Com a leitura de Charles ab der Halden, estávamos no auge da ortodoxia pedagógica vigente em escolas primárias francesas nas décadas de 1930 a 1950. Não havia experiências de grupos, pedagogia ativa, método de Célestin Freinet, etc. A pedagogia em uso era leitura em voz alta, comentário de texto, ditados, recitação de poesia, redação, sempre de modo individual. Os resultados, em termos de correção ortográfica e gramatical, eram julgados muito satisfatórios.

Na escola municipal de Yainville (Normandia), nos anos 1950, o professor principal usava todos os anos o livro de Charles ab der Halden como manual de leitura, de comentário, de ditado, de exercícios de vocabulário. Ele usava também outros livros e, sobretudo, páginas escolhidas de autores clássicos como Victor Hugo, Pierre Loti, Alphonse Daudet, Guy de Maupassant, Gustave Flaubert, Maurice Maeterlinck², Colette, Maurice Genevoix, Édouard Herriot, etc.

Um antigo aluno desta escola retrata o professor nos seguintes termos:

Vestindo sua imutável camisa cinza, o senhor Marcilloux é o perfeito tipo de hussardo da República, socializante, exigente

2. O uso de páginas ou trechos escolhidos de obras de Maurice Maeterlinck nas escolas primárias francesas dos anos 1950 e, antes disso, em publicações de Charles ab der Halden (1925a), mereceria um estudo aprofundado.

te. Para ele, a palavra cidadão tem um sentido incompatível com indigência intelectual. Ele é também secretário da prefeitura. É o guardião do templo da laicidade. Em pé, as crianças cantam a “Marseillaise” e o “Chant du départ” até perder o fôlego³ (QUEVILLY, 2003).

Um dia de 1958, o mesmo professor falou longamente, em aula, que havia a possibilidade de os alunos escreverem a alunos de outra região, por meio de cartas e de um pequeno jornal mimeografado. Era, sem dúvida, uma tentativa de aplicação do método de Célestin Freinet. No entanto, por alguma razão desconhecida, o projeto nunca chegou a se concretizar e foi rapidamente esquecido.

Nos anos 1950 e 1960, havia multiplicação de métodos e muita discussão em torno de novas tendências pedagógicas, mas, como observou Susanne Mollo, “a nova pedagogia ocupa um lugar maior na literatura do que na vida escolar” (MOLLO, 1979, p.19).

De acordo com as instruções pedagógicas da época, o estudo da leitura, da escrita e das outras matérias devia ser austero, ou não ter aspecto lúdico. Sabe-se que essa condenação do jogo em pedagogia escolar era justificada no plano teórico pela concepção de Durkheim, para quem “nem tudo é jogo na vida; é preciso que a criança se prepare ao esforço, à pena e, por conseguinte, seria desastroso deixar ela acreditar que tudo pudesse acontecer brincando” (DURKHEIM, 1934, p.183). Ademais, em matéria de experiências pedagógicas inovadoras, o grande sociólogo condenava todas as propostas de caráter libertador, centradas na autonomia dos alunos, ou contrárias às punições, como era o caso das pedagogias inspiradas em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Liev Tolstoi⁴ (1828-1912) e Maria Montessori (1870-1952).

8. O respeito da ordem estabelecida

O sistema escolar francês dependia do modelo instituído pelas leis Jules Ferry, de 1880, e permanecia impregnado pelas concepções elaboradas e aplicadas sem alteração no decorrer da Terceira República (1871-1940) e, mesmo, da Quarta República (1946-1958).

3. A *Marseillaise* é o hino nacional da França e o *Chant du départ*, um canto patriótico.

4. A experiência pedagógica do grande escritor russo Liev Tolstoi era bem conhecida. Consistia em alfabetização e em educação primária para filhos de camponesas, deixando-lhes ampla liberdade e autonomia no aprendizado, na escolinha da fazenda da família Tolstoi em Iasnaïa Poliana, a 160 km ao sul de Moscou. Tal experiência havia chamado a atenção de muitos educadores da Europa no fim do século XIX e início do século XX. Hoje, Iasnaïa Polyana é o principal museu Tolstoi na Rússia. Herdeiros e continuadores das idéias do escritor atuam na *Tolstoy Foundation* nos EUA.

Desde o fim do século XIX, o livro escolar destinado às crianças das escolas primárias passou a adotar um modelo de aprendizagem da leitura ligado a uma intenção moral que ficara em uso por mais de meio século. Segundo esse modelo, a criança aprende a ler e ao mesmo tempo se educa moralmente, “pela defesa da propriedade e da ordem estabelecida” (BALIBAR, 1974). A aprendizagem da moral é facilitada pelo fato de tornar acessível aos jovens leitores as regras de conduta que seguem os personagens das histórias narradas.

Em geral, essas histórias não são trechos escolhidos de autores consagrados, mas são construções didáticas simplificadas, concebidas especialmente para uso escolar. Um princípio estabelecido em 1880 por Pierre Laloï, pseudônimo de Ernest Lavis, consiste em reforçar o contato com situações reais: “A narrativa é familiar, tomada na vida real para que a criança pudesse identificar situações e personagens que se encontram em qualquer lugar” (apud BALIBAR, 1974, p.208).

Nas décadas de 1920 e 1930, o movimento sindical dos professores primários denunciava a doutrinação imposta às crianças pela escola instituída pela Terceira República. Desse ponto de vista, diferentes autores de manuais escolares foram criticados, como, por exemplo, Ernest Lavis e Charles ab der Halden. O primeiro, famoso professor de história da Sorbonne, foi criticado por sua visão de “paz social”, contrária à luta das classes, e na qual “toda violência é crime” (MARTIN, 1982, p.26). Na mesma perspectiva, a ideologia do segundo foi igualmente criticada. Roger Martin observa: “No âmbito das Escolas Primárias Superiores⁵, o Inspetor Geral Ab der Halden emite aforismos idênticos: “há relativamente poucas pessoas que pensam” ... “O excesso de trabalho não existe” ... “Uma greve de mineiros pode arruinar um bilionário” ... “A pobreza é a condição normal do homem” ... “A igualdade é consequência do despotismo e não do livre desenvolvimento das faculdades humanas” ... “A igualdade é incompatível com a liberdade” ...etc. “O ‘Coletivismo’ é nominalmente designado como inimigo” (MARTIN, 1982, p.26). Essas expressões são utilizadas pelo autor em suas obras sobre moral e instrução cívica (AB DER HALDEN, 1925a; 1925b); os valores a elas associados impregnam algumas situações narradas em *Hors du nid*, porém não são textualmente encontrados.

À época, os valores defendidos pelos autores de manuais escolares não faziam unanimidade no corpo docente. Os sindicatos de professores, de orientação socialista ou comunista, condenavam a moral burguesa imposta às crianças. Por outro lado, os valores republicanos haviam sido objeto de outro conflito: o do

5. O ensino das “escolas primárias superiores” (EPS), existente entre 1918 e 1942, destinava-se aos adolescentes que, após o *Certificat d'Études Primaires*, queriam continuar em estudos mais sistemáticos, de três anos de duração. Este ensino de caráter prático ou concreto era diferente daquele do secundário e não levava à Universidade (BRIAND; CHAPOUILLE, 1982).

movimento clerical católico contrário à escola laica desde a promulgação da lei sobre a laicidade de 1882.

9. Identificação da moral do esforço individual

“Você tem de estudar bem ou de trabalhar bem para você se tornar alguém na vida”. Muito comum na ideologia escolar, esse tipo de mensagem de conduta pode parecer banal, mas fazia parte da moral laica baseada no esforço, no trabalho e no mérito. O valor dos indivíduos depende, em grande parte, do que fazem.

Todavia, observa-se que não se trata de promover a ambição pessoal. É preciso esforçar-se, mas dentro de certos limites. A ascensão social não é estimulada. As crianças das classes populares e médias devem se esforçar para alcançar formações, qualificações ou profissões médias. Para elas, o objetivo não é concorrer em pé de igualdade com os membros da elite, disputando o acesso a cargos superiores. Segundo essa moral do esforço, o jovem de condição modesta deve moderar suas aspirações e aceitar o trabalho ordinário que lhe será proposto. Em nível teórico, o tema da moderação das aspirações foi particularmente desenvolvido nas obras de Émile Durkheim sobre educação e moral.

No epílogo de *Hors du nid*, depois de voltar da Argélia, Marguerite é contratada como professora primária da cidadezinha onde nasceu e onde seu pai exercia a mesma profissão. Isso subentende uma reprodução ou perpetuação da mesma condição socioprofissional associada ao modelo de escola primária tão valorizado pelo autor.

A moral do esforço individual está imersa no senso comum, como condição de sucesso individual, dentro de um sistema escolar em que se supõe que todos possuem as mesmas chances no início. No quadro de referência da época, onde muitos intelectuais da educação republicana eram influenciados pelo protestantismo (CABANEL, 2000), pode-se perguntar até que ponto a moral do esforço individual não estava associada à ética protestante.

10. Laicidade e religião

Micheline Marchadier nota que, entre 1870 e 1960, o sistema de valores republicanos dominava o ensino primário, com conteúdo positivista, centrado na idéia de progresso. O espírito científico permite à humanidade livrar-se das antigas superstições. A instrução cívica e moral constitui um importante componente desse ensino. A autora acrescenta:

Constatam-se enriquecimento e crescente precisão dos programas entre 1880 e 1940. Em 1938, incluíam-se nas escolas primárias superiores matérias como filosofia moral, direito

privado, economia política, ciência política. Os manuais são de muito bom nível, devido a autores como Lavissee, Paul Bert, Aulard, Siegfried, Guy-Grand, Ab der Halden (MARCHADIER, 2001, p.9).

Isto confirma que os diferentes livros publicados por este último, nos anos 1930, pertenciam bem a essa tendência.

No contexto escolar, a moral pode existir e ser veiculada de várias maneiras: de forma explícita, nos cursos de educação cívica e moral, e implícita, com vários graus de evidência, em disciplinas de língua francesa, de história ou de ciências. A moral maciçamente propagada, conforme as orientações dadas à escola republicana francesa, é a moral laica baseada em valores iluministas, isto é, associados ao progresso científico e independentes da religião.

Em um livro como *Hors du nid*, poucos sinais indicam algum compromisso de ordem religiosa. Em nenhum momento existe referência a personagens típicas da Igreja: papa, bispos, padres, santos, etc. A única evocação é o massacre de protestantes por católicos na noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572).

Jacques Ligneul visita o centro de Paris pela primeira vez em companhia de seu tio Eugène. Este lhe mostra diversos monumentos. Avistando o Louvre, ele comenta:

Olhe, eis o Louvre, que tem sido o Palácio dos Reis. É de uma daquelas janelas, diz-se, que Charles IX atirava nos huguenotes no dia de São Bartolomeu. É da torre daquela igreja, chamada Saint-Germain-l'Auxerrois, que foi dado o sinal para o massacre, com os sinos badalando sem parar. (AB DER HALDEN, 1934, p.42).

Tal observação, não desprovida de pateticismo, e até surpreendente no caso de uma simples descrição de cena familiar (uma criança de dez anos visita Paris pela primeira vez), parece ser o indício de uma posição favorável ao protestantismo, que fazia sentido quando posta em relação com a moral do esforço pessoal difundido no conjunto da obra. A partir desse indício, supõe-se que essa moral possua uma fonte de inspiração protestante. Tal suposição se confirma a partir da própria biografia do autor e pelo contexto no qual os intelectuais protestantes trabalhavam a serviço da escola republicana.

Com efeito, Beudet (1992) nos indica que Charles ab der Halden, ainda que nascido em Roubaix, em 1873, era filho de uma família alsaciana da burguesia industrial protestante de Mulhouse, que teria migrado para a região *Nord-Pas de Calais* (a de Roubaix) no momento da anexação da Alsácia pela Alemanha em 1871. Além disso, Beudet sugere que o protestantismo do autor, no início do século XX, teria sido um dos motivos de seu afastamento das discussões sobre crítica literária de Quebec, cujos principais interlocutores eram todos católicos.

A proclamada laicidade marcava sobretudo a vontade de separação entre Estado e Igreja católica, mas não excluía influência indireta de outra religião.

11. Fundamentação do ensino da moral

De acordo com a concepção da escola primária implantada a partir de 1880 pelas leis Jules Ferry, no início da Terceira República, a aprendizagem da leitura está associada à aquisição de uma nova moral, a moral laica, esboçada na época da Revolução e construída por vários pensadores republicanos das últimas décadas do século XIX.

Segundo Michel Winock,

A III República, definitivamente instalada no final dos anos 1870, reconsiderou os princípios revolucionários para aprofundar ainda mais a unidade nacional. Os fundadores do novo regime – e notadamente Jules Ferry, convencido pelas aulas de Auguste Comte segundo as quais a religião católica é preciso substituir um novo cimento espiritual, próprio à idade positiva, que os progressos da ciência anunciavam – têm apostado no instrumento escolar para alcançar esse objetivo. A escola gratuita, obrigatória até a idade de treze anos, laica, devia ser o cadinho das almas republicanas (WINOCK, 1994, p.2).

De modo associado ao positivismo, houve forte influência do protestantismo, contribuindo para a completa separação entre Estado e Igreja Católica. Félix Pécaut, Jules Steeg e Ferdinand Buisson, importantes pensadores protestantes, colaboraram para a criação das escolas normais que formavam os professores primários da escola republicana (MUEL, 1977, p.49). Exerciam um papel fundamental na construção da educação moral e cívica, própria à Terceira República, e que estava sendo preparada desde o final do *Second Empire*. (CABANEL, 2000).

Segundo Félix Pécaut, “Uma vez estabelecido, o sufrágio universal exigia a instrução primária universal, e a universalidade da instrução exigia imperiosamente a universalidade de um ensino regular e laico da moral” (PÉCAUT, 1945, p.49). Para ele, a moral laica ensinada às crianças consiste em respeitar os direitos e adquirir um sentimento de dever social, de dignidade da pessoa. Um aspecto positivista dessa moral está na ênfase em explicações do mundo e da vida com base nas ciências naturais: “a idéia de leis naturais que nos regem e nos impõem a dura condição do esforço, da fadiga, da perseverança” (PÉCAUT, 1945, p.54). A educação deve ajudar a construir o destino de cada um: “o homem é chamado a construir livremente seu destino, quer dizer, a pôr ordem sem trégua no caos dos instintos, dos cegos impulsos” (PÉCAUT, 1945, p.55).

Do ponto de vista sociológico, especialmente em termos conceituais, encontra-se em Durkheim a forma mais elaborada da separação da moral laica e da moral religiosa, a fundamentação racional da moral laica, com base nas leis naturais estabelecidas pela ciência. Tal moral está inserida nas práticas escolares, por meio do respeito, da disciplina em sala de aula e nos conteúdos do ensino. Ela ensina às crianças a moderação dos apetites, o sentimento do dever, a vinculação aos grupos sociais e a formação da vontade (DURKHEIM, 1934; GASPARINI, 1998).

No mesmo sentido, a aprendizagem da leitura concebida de acordo com Charles ab der Halden fazia parte de uma educação vista como socialização das crianças, direcionada para inculcar valores e conteúdos informativos correspondentes às práticas vigentes na sociedade. No processo de socialização, além dos condicionantes familiares, a mente das crianças é moldada pelo sistema de valores, crenças, conhecimentos, modelos de conduta veiculados pela escola posta a serviço da república. Assim, as crianças se transformam em adultos supostamente adaptados aos futuros papéis requeridos pela sociedade, em diversas instituições: sistema eleitoral, serviço militar, trabalho, poupança e consumo.

Na primeira metade do século XX, a moral transmitida pela escola e seus manuais escolares podia exercer uma influência durável. A aprendizagem da moral estava encaixada na da leitura e da escrita⁶. A aquisição da linguagem escrita já vinha encapsulada em uma forma moral preestabelecida, associada à visão republicana da vida e da língua nacional, cuja semântica já vinha impregnada de pressupostos filosóficos e morais (positivismo, ética protestante, etc.). Pela educação, adquiria-se uma visão compatível com a visão dos ideólogos da república, não clerical, mas recebendo influência protestante, com quadro bastante claro e concreto em termos de linguagem e de ciência adaptadas ao contexto dos jovens, que seriam orientados principalmente para profissões de nível intermediário⁷.

Em famílias católicas, tal moral podia coabitar com o credo tradicional, mas, entre as crianças formadas nesse sistema, a cultura republicana e suas explicações “científicas” sobre a realidade do mundo, levavam muitas crianças a desconfiarem das “explicações” religiosas, sobrenaturais, às vezes milagrosas, oferecidas pelo cate-

6. Será que a concepção da leitura escolar com propósito moralizador, que tinha sido dominante, na França, no período de entre-guerras, e até mesmo nos anos 1950, limitava-se ao sistema de ensino francês? Estudos realizados por especialistas em história da educação brasileira mostram que, na mesma época (anos 1930-50), a concepção da leitura ligada à moral, que conhecemos na França, vigorava também no Brasil. (GALVÃO; BATISTA, 2003). Sem dúvida, existem razões próprias ao sistema educativo brasileiro, mas sabemos, também, que o positivismo e a educação francesa vinham exercendo uma influência significativa no Brasil anteriormente aos anos 1960.

7. Sobre as características da escola primária francesa, estudos sociológicos e históricos, mais aprofundados, podem ser encontrado em Muel-Dreyfus (1983), Ponton (1988) e Bourdieu (1998).

cismo. O espírito racional ou científico despertado pelo professor primário levava os alunos a questionarem o sobrenatural e os milagres relatados na doutrina católica.

12. Conclusão

Nossa releitura de uma obra escolar antiga é, em si mesma, limitada e circunstanciada em um contexto educacional afastado das condições atuais, mas considera-se que a experiência e o livro em questão são aqui apenas exemplos ou “ilustrações” para uma perspectiva de estudo que faça sentido em outros contextos e épocas. Será sempre útil um exercício reflexivo sobre a educação por meio de uma “releitura” dos meios com os quais aprendemos a ler, a escrever, a descrever o mundo e a nos orientar moralmente.

O exercício proposto consistiu em revistar reminiscências do passado escolar por meio de uma releitura tardia de um livro específico, representativo de uma concepção da educação, na qual a aprendizagem da leitura está associada à da moral. Quatro décadas após a primeira leitura, pensávamos ter quase tudo esquecido do conteúdo do livro, que, no entanto, deixou presente, na memória, uma impressão associada ao ambiente de aprendizagem da leitura, marcado pelos deveres escolares exigidos com bastante autoridade pelo professor primário.

Lendo e relendo o livro encontramos alguns indícios sobre:

- uma concepção da leitura adaptada ao público de crianças das escolas públicas, especialmente em regiões rurais, antes dos anos 1960;
- uma normatividade da leitura e da escrita vinculada à ideologia da língua nacional (no caso, o francês);
- uma pedagogia da leitura sempre associada à transmissão da moral; no caso peculiar, tratava-se de uma moral do esforço pessoal, compatível com a moral de inspiração protestante;
- uma abertura ao mundo e à sua diversidade cultural, retratada com benevolência no que diz respeito aos europeus e com preconceito no que diz respeito a povos da África.

Com base nesses indícios e a partir de buscas bibliográficas para conhecer Charles ab der Halden, descobre-se um autor de personalidade mais complexa do que se podia imaginar. Filho da burguesia protestante, estudioso da literatura de língua francesa de Quebec, militar francês na Argélia durante a Primeira Guerra Mundial, ele ocupou importante cargo oficial no sistema acadêmico e se consagrou à educação de nível fundamental escrevendo vários livros de leitura e de educação moral e cívica. Em seus aspectos principais, ficou bastante claro que suas obras representavam bem a concepção laica dominante da aprendizagem da leitura no sistema educativo do período da Terceira República, ainda vigente no da Quarta República.

Vale salientar que o questionamento crítico endereçado à concepção da escola republicana não diz respeito ao seu caráter propriamente republicano – pois a combatida alternativa monarquista e clerical não teria sido menos autoritária –, mas ao fato de ter recebido uma definição ideológica muito restritiva e imposta por grupos ideológicos conservadores que, de fato, controlavam o sistema educacional público, sem nenhuma forma de pluralismo.

Questões sociológicas relacionando educação e moral estão no centro da problemática da leitura. Foram abordadas por Durkheim, que exerceu longa influência, desde o final do século XIX, sobre o sistema educacional. Sua teorização transcende, até certo ponto, as circunstâncias históricas e ainda é estudada em qualquer curso de sociologia da educação. Tomando a sociologia de Durkheim como pano de fundo, compreendem-se as obras de Charles ab der Halden como meios de divulgação bastante adaptados ao contexto e que atingiam os objetivos de formação da juventude em matéria de leitura e de moral, em perspectiva conservadora.

Qual a utilidade desse tipo de estudo e reflexão? Trata-se de uma reflexão sobre as fontes de pensamento associadas à aprendizagem da língua pela leitura em situação escolar. Sem dúvida, essas fontes deixam alguma influência na formação das pessoas. Em função do caminho intelectual posteriormente percorrido, essa reflexão é útil para tentar compreender os efeitos e observar como outras fontes vieram modificar ou reforçar disposições mentais adquiridas ao longo da existência.

Para muitos que foram crianças nos anos 1950, só foi possível romper com os valores da escola primária bem mais tarde, na época do segundo grau e no início da formação universitária, no contexto peculiar dos anos 1960. No início dessa década, as leituras indispensáveis incluíam Albert Camus e Jean-Paul Sartre. De modo escolar ou extra-escolar, havia um vivo interesse em torno do existencialismo. Mais tarde ainda, na segunda metade da década, marcada pela “explosão cultural” de 1968, as leituras se concentraram em obras marxistas e de outras tendências que anunciavam “novos paradigmas”, hoje ainda em discussão.

Referências bibliográficas

AB DER HALDEN, Charles. *Hors du nid. Lectures suivies*. Paris: Bourrelier, 1934, 288p.

AB DER HALDEN, Charles. *Leçons de morale*. Paris: Armand Colin, 1925a.

AB DER HALDEN, Charles. *Morale, instruction civique, droit privé, économie politique*. Paris : Armand Colin, 1925b. 408 p.

BALIBAR, Renée. *Les français fictifs*. Le rapport des styles littéraires au français national. Paris : Hachette-Littérature, 1974.

- BEAUDET, Marie-Andrée. *Charles ab der Halden: Portrait d'un inconnu*. Montréal: L'Hexagone, 1992, 234 p.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRIAND, J.-P., CHAPOUILLE, J.-M. L'enseignement primaire supérieur des paysans en France, 1918-1942. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 39, 1982, p. 87-111.
- CABANEL, Patrick. *Les protestants et la République, de 1870 à nos jours*. Bruxelles: Complexe, 2000, 271 p.
- CHARTIER, Anne-Marie. *Discursos sobre a leitura 1880-1980*. Trad. O. Biato e S. Bath. São Paulo: Ática, 1995.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *L'éducation morale*. Paris: Félix Alcan, 1934.
- GALVÃO, A.M.O., BATISTA, A.A.G. *A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos*. <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm>>. Acesso em 07 dez. 2003.
- GASPARINI, Rachel. *Ordres et désordres. La discipline scolaire à l'école primaire*. Paris: Grasset & Fasquelles, 2002.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KOESTLER, Arthur. *O fantasma na máquina*. Trad. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MARCHADIER, Micheline. *De l'instruction morale et civique à l'éducation civique*. <<http://www.limousin.iufm.fr/ECJS/2.htm>>. Acesso em 29 nov. 2001.
- MARTIN, Roger. *Idéologie et action syndicale, les instituteurs de l'entre-deux-guerres*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1982. 448 p.
- MOLLO, Susanne. *A escola na sociedade*. Trad. Maria José Nogueira Pinto. Lisboa: Edições 70, 1979.
- MUEL, Francine. Les instituteurs, les paysans et l'ordre républicain. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 17-18, 1977, p. 37-61.
- MUEL-DREYFUS, Francine. *Le métier d'éducateur*. Paris: Minuit, 1983.
- PAIVA, Eliane Bezerra. Reminiscências de leitura ou a leitura enquanto significação. In: AQUINO, Miriam de Albuquerque (org.) *Leitores e Leituras*. Narrando experiências em sala de aula. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 2000, p. 13-20.
- PÉCAUT, Félix. La educación moral y la escuela laica. In: FERRY, J., BUISSON, F., PÉCAUT, F., JAURÈS, J. LANSON, E., LAVISSE, P., RIOS, G., SARMIENTO, D.F. *La escuela laica*. Buenos Aires: Losada, 1945, 168 p.
- PERGAUD, Louis. *A guerra dos botões*. Trad. Cecília Casas. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

PONTON, Rémy. De la morale à la lecture. *Littérature*, n. 70, mai 1988, p. 66-81.

QUEVILLY, Laurent. *L'école communale*. Yainville. <<http://jumieges.free.fr/photosclasse.htm>>. Acesso em 20 dez. 2003.

WINOCK, Michel. *Les nationalismes français*. Working Paper, n. 97, Barcelona, 1994. <http://www.diba.es/icps/working_papers/docs/WP_1_9/html>. Acesso em 12 dez. 01.